

O caso da RNA: Da comunicação popular e alternativa ao desafio da descolonização da notícia na Amazônia

The case of RNA: From popular and alternative communication to the challenge of news decolonization in the Amazon

El caso de la RNA: De la comunicación popular y alternativa al reto de descolonizar la información en la Amazonia

Rosa Luciana Rodrigues; Rosane Steinbrenner; Luciana Miranda Costa

Resumo

Em um ensaio reflexivo, como parte de uma tese em construção, o artigo apresenta observações do processo comunicacional de uma rede de rádios na Amazônia brasileira, a Rede de Notícias da Amazônia (RNA), que traz em suas descrições e motivações a preocupação em produzir notícias a partir das realidades da região, oportunizando espaços aos grupos sociais locais, a quem denomina de "lutadores sociais". O estudo tem uma abordagem sócio-histórica, olhando para as realidades dos conflitos socioambientais na região com a proposta de uma reflexão sobre práxis e teorias críticas da comunicação – das experiências de Comunicação e Educação Popular na origem da RNA e nas vivências de seu idealizador aos desafios atuais da descolonização do fazer comunicativo em rede. Em uma abordagem exploratória, as análises iniciais apontam indicativos de um processo descolonizador em potencial, considerando processos formativos dos produtores de notícias e a preocupação com os territórios, o lugar amazônico.

Palavras-chave: Rede de Notícias da Amazônia; Estudos de rádio; Teorias críticas latinoamericanas.

>> Como citar este texto:

RODRIGUES, Rosa Luciana; STEINBRENNER, Rosane; COSTA, Luciana Miranda. O caso da RNA: Da informação popular e alternativa ao desafio da descolonização da notícia na Amazônia. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 03, p. 227-254, out./dez. 2023.

Sobre as autoras

Rosa Luciana Rodrigues

rosalu29@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6682-2240>

Jornalista da Universidade Federal do Oeste do Pará, doutoranda em Comunicação, Cultura e Amazônia (UFPA). Membro dos Grupos de Pesquisa Comunicação, Ciência e Meio Ambiente - Preserv-Ação (UFRN/UFPA) e Observatório de Comunicação, Culturas e Resistências na Pan-Amazônia (UFPA).

Rosane Steinbrenner

steinbrenner@ufpa.br

<http://orcid.org/0000-0003-4321-7245>

Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (UFPA). Doutora em Desenvolvimento Socioambiental (NAEA) e pós-doutora em Sociologia e Antropologia (UFPA). Coordena o Projeto "Conflitos socioambientais, comunicação e resistências na Amazônia brasileira".

Luciana Miranda Costa

lmirandea@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3843-4499>

Professora da Pós-graduação em Estudos da Mídia (UFRN). Doutora em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental (NAEA/UFPA), com pós-doutoramento em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Coordena o Grupo de Pesquisa Preserv-Ação:

Comunicação, Ciência e Meio
Ambiente (UFPA/UFRN).

Abstract

In a reflective essay, as part of a thesis under construction, the article presents observations on the communication process of a radio network in the Brazilian Amazon, Rede de Notícias da Amazônia (RNA), which has in its descriptions and motivations the concern to produce news based on the realities of the region, providing spaces for local social groups, whom it calls "social fighters". The study has a socio-historical approach, looking at the realities of socio-environmental conflicts in the region, with the proposal of a reflection on praxis and critical theories of communication - from the experiences of Popular Communication and Education at the origin of RNA and in the experiences of its creator to the current challenges of decolonizing networked communication. In an exploratory approach, the initial analyses point to indications of a potential decolonizing process, considering the training processes of news producers and the concern with territories, the Amazonian place.

Keywords: Rede de Notícias da Amazônia; Radio studies; Latin american critical theories.

Resumen

En un ensayo reflexivo, como parte de una tesis en construcción, el artículo presenta observaciones sobre el proceso de comunicación de una red de radio en la Amazonia brasileña, Rede de Notícias da Amazônia (RNA), que tiene en sus descripciones y motivaciones la preocupación de producir noticias basadas en las realidades de la región, proporcionando espacios para los grupos sociales locales, a los que denomina "luchadores sociales". El estudio adopta un enfoque socio-histórico, observando las realidades de los conflictos socio-ambientales de la región, con la propuesta de una reflexión sobre la praxis y las teorías críticas de la comunicación - desde las experiencias de Comunicación y Educación Popular en los orígenes de la RNA y en las vivencias de su creadora, hasta los desafíos actuales de la comunicación descolonizadora en red. En un abordaje exploratorio, los análisis iniciales apuntan indicios de un potencial proceso descolonizador, considerando los procesos de formación de los productores de noticias y la preocupación con los territorios, el lugar amazónico.

Palabras clave: Red Amazónica de Noticias; Estudios radiofónicos; Teorías críticas latinoamericanas.

Introdução

O presente artigo traz elementos de uma tese em construção sobre o radiojornalismo na Amazônia a partir do estudo sócio-histórico-discursivo de uma rede alternativa de rádios, em que a grande maioria das emissoras está ligada à Igreja Católica, com experiências originais no âmbito da educação e da comunicação popular e com marcas potencialmente descolonizadoras dos processos de produção de sentido. A pesquisa tem como pano de fundo as realidades de conflitos vividas na região, buscando a construção de um estudo que possa proporcionar um olhar reflexivo diante da importância da comunicação social no enfrentamento dos desafios socioambientais característicos na Amazônia.

A pesquisa busca olhar para a realidade da comunicação na região, analisando a experiência da Rede de Notícias da Amazônia (RNA), uma associação que reúne, atualmente, 20 emissoras de rádio em sete estados da Amazônia Legal. Criada há 15 anos, tem como principal produto um radiojornal: Amazônia é Notícia, veiculado de segunda a sexta-feira, proposto como um meio de propagação de notícias com o objetivo de "divulgar as ações dos lutadores sociais, os fatos políticos, sociais e econômicos dos municípios, assim como questões ambientais, onde as emissoras sócias à Rede estão localizadas" (RNA, s/d, grifo nosso). Ou seja, propõe-se a visibilizar as ações dos agentes das lutas sociais desenvolvidas na região, como lideranças populares, de organizações não-governamentais e de comunidades amazônicas. Também faz referência à promoção de uma comunicação a partir do lugar amazônico, das realidades dos municípios em seus aspectos urbanos e rurais e, ainda, enfatiza as questões ambientais que estão diretamente relacionadas aos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais da região.

Observa-se nesse nexo, de como se apresenta e a que se propõe a RNA como rede alternativa de comunicação na Amazônia, elementos que revelam uma perspectiva descolonizadora da comunicação ou de uma comunicação em parte "ex-cêntrica", como coloca Villanueva (2019), ao se pautar de pronto pelo

descentramento de uma comunicação em rede normalmente articulada a partir dos grandes centros e dos grandes meios numa reprodução geopolítica das assimetrias regionais históricas. Em uma abordagem processual sócio-histórica, entre práxis e teorias, pretendemos apresentar e discutir as experiências que deram origem à Rede de Notícias da Amazônia – e que se confundem com a história e vivências de seu idealizador, Edilberto Sena, padre do interior da Amazônia, sediado na Arquidiocese de Santarém há mais de 50 anos – as quais trazem marcas dos movimentos de Educação e Comunicação Popular como transformação social, como entende Peruzzo (2019), embalados pela educação freireana e pela Teologia da Libertação⁵¹, a partir dos anos de 1970, chegando ao desafio atualizado pela perspectiva de uma comunicação descolonizadora⁵² dos processos de produção e distribuição da notícia.

De forma geral, as grandes redes nacionais de comunicação reafirmam uma visão muitas vezes meramente exótica sobre a região, fazendo com que a Amazônia siga ainda hoje aprisionada numa trama de sentidos que a traduz para o mundo não como lugar de significados megadiversos para a experiência humana, mas como mera reserva natural de recursos (CASTRO, 2010; STEINBRENNER, 2021). Considerando as práticas discursivas como práticas sociais (FAIRCLAUD, 2008), é possível dizer que os discursos hegemônicos sobre a região são responsáveis por naturalizar essa imagem projetada da Amazônia (CASTRO, 2020), que tende a naturalizar o silenciamento dos sujeitos e a espoliação permanente da qual ela é alvo. Nesse sentido, as discussões

⁵¹ A Teologia da Libertação é uma abordagem teológica do catolicismo, conhecida a partir da década de 1960, com reflexões voltada à “libertação dos oprimidos” com base nos contextos da América Latina. Um dos principais nomes da Teologia da Libertação é o do teólogo Leonardo Boff, ex-frade franciscano. Segue link de uma entrevista dada pelo teólogo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FD4dcCgHB18&t=162s>. Acesso em: 24 mar. 2023.

⁵² Salientamos que, pelo estágio atual da pesquisa, que ainda está em fase inicial do trabalho de campo, fazemos a opção em trabalhar neste artigo a noção de uma *comunicação descolonizadora*, não adotando o conceito de uma *comunicação decolonial*, essa entendida desde o protagonismo e autonomia dos grupos vulnerabilizados, a partir das formulações e experiências de saberes alternativos e contra-hegemônicos, ou como diria Dussel (2020), a partir das alteridades negadas pelas reiteradas dimensões das colonialidades (QUIJANO, 2000). Tal noção, de comunicação decolonial entendemos, será trabalhada por meio da aproximação do sujeito pesquisador e dos sujeitos da pesquisa.

pautadas nos contextos de conflitos evidenciados na região visam chamar a atenção para as práticas desenvolvidas pela RNA, considerando o lugar amazônico de onde partem.

Os conflitos socioambientais são gerados pelo olhar colonial, exploratório e predador sobre a Amazônia, vista, historicamente, como um gigantesco espaço, sem dono, no qual os bens da natureza são entendidos como recursos naturais que precisam ser consumidos. Assim, surgem os embates entre os diversos atores envolvidos nesses cenários que apresentam divergência sobre o entendimento dos valores e interesses sobre o tema, resultando, pela ótica da ecologia política, nos conflitos socioambientais, em contextos de permanente assimetria de poder (SVAMPA, 2016).

São diversos os estudos e registros de situações conflituosas nos estados amazônicos que apontam a exploração desenfreada dos recursos naturais e as consequências danosas para a vida das pessoas que habitam os espaços amazônicos (COSTA, 1999; CASTRO, 2010, 2021; SOUZA, 2019; LOUREIRO, 2022). A Amazônia brasileira é envolvida por uma diversidade de conflitos socioambientais e os acontecimentos e dados dos últimos anos, principalmente entre 2019 e 2022, mostram um agravamento dos conflitos na Amazônia Legal, com recordes nos índices de desmatamentos; registros frequentes de violência com mortes; e ameaças aos territórios dos povos tradicionais (CIMI, 2021; ISA, 2021; MAPBIOMAS, 2021a, 2021b e 2022).

Diante dessas realidades e perspectivas teóricas, e tendo em boa medida, como fio condutor, os relatos do idealizador e fundador da Rede de Notícias da Amazônia, coletados por meio de entrevista semiestruturada no processo da tese em construção, é que se busca aqui refletir sobre a prática comunicacional da RNA, entendendo que esta faz parte de um contexto que pauta discussões sobre a democratização em processos de construção de cidadania. A reflexão se ancora nos estudos decoloniais, com reflexos do pensamento crítico latino-americano também expressos nas abordagens sobre comunicação popular, a partir de um estudo sócio-histórico-discursivo que, pela observação do projeto

comunicacional da RNA e entrevista com seu idealizador, apresenta impressões de uma pesquisa em curso com foco na etapa de produção do processo.

Na trilha de uma comunicação ex-cêntrica

Erick Torrico (2016) indica que na América Latina há reflexões que possibilitam a reinterpretação da história sem privilegiar a perspectiva eurocêntrica e isso permite um olhar para a comunicação de um ponto diferenciado. Para o autor, "la región ha venido sedimentando una idea outra de comunicación inspirada en la especificidad de lo humano y en su trascendencia convivencial posible" (TORRICO, 2016, p. 25), o que marca um novo momento a partir de um discurso reflexivo e propositivo.

Esta perspectiva parte da configuração histórica da América Latina que levou a região a ter movimentos a partir de três metas principais: a independência, o desenvolvimento e a democracia (TORRICO, 2016), em cenários que continuam muito atuais. As ideias em torno do pensamento comunicacional, em sintonia com as características socioculturais da região, são permeadas pelas necessidades e aspirações das populações locais. Torrico (2016, p. 29) lembra que reflexões latino-americanas comungam com um pensamento social crítico e que, a partir de pensadores como Antonio Pasquali, Paulo Freire e Luis Ramiro Beltrán, se inaugurou uma concepção de comunicação como diálogo, "clave del mundo histórico y cultural, así como acción reflexiva y dialógica".

A comunicação é entendida como um meio para se desenvolver o processo de emancipação da região partindo de questionamentos sobre a instrumentação e a não contextualização histórica do conhecimento, buscando um pensamento comunicacional próprio "socialmente comprometido pero teórica y metodológicamente riguroso, capaz de dar cuenta de la realidad concreta de América Latina y de ponerse al servicio de la causa de su dignidade" (TORRICO, 2016, p. 31).

A partir dessa reflexão, Torrico (2019) indica a necessidade de uma

“comunicação ex-cêntrica” saindo das ideias pré-estabelecidas a partir das propostas teóricas do que ele chamou de “comunicação centrada”:

Na linguagem coloquial, a excentricidade remete a um comportamento estranho, extravagante e até ridículo, criticável e, portanto, indesejável. O significado atribuído aqui ao conceito – não apenas ao termo – refere-se, antes, a um afastamento consciente e deliberado do que está “centralizado” e, conseqüentemente, dá impulso a uma opção diferente. O ex-cêntrico, com hífen, significa “o que está fora do centro”. [...] a Comunicação ex-cêntrica, que deriva da crítica latino-americana à in-comunicação colonial, se coloca como uma rota compreensiva alternativa, baseada no pensamento decolonial (TORRICO, 2019, p.103).

Relacionando essa discussão à constituição da RNA, destaca-se a formação da rede a partir de emissoras criadas na própria Amazônia, sem que estejam ligadas a redes de comunicação sediadas em outras regiões do país, como Sul e Sudeste⁵³. Atualmente, 20 emissoras fazem parte do projeto, envolvendo sete estados da Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Pará, Rondônia e Roraima), sendo rádios educativas, comerciais, uma comunitária e uma rádio web⁵⁴. De acordo com Santos (2020, p. 14), “a meta é chegar aos estados de Tocantins e Mato Grosso cobrindo toda a região amazônica”. E sobre esse processo de expansão, para Silva (2015, p. 69), chegar aos diversos espaços da região é o maior desafio que move a Rede de Notícias da Amazônia:

Para que um veículo de comunicação com essas pretensões seja abrangente, com fatos e histórias que circundam região tão ampla e com pessoas de interesses e culturas diferenciados, é necessário buscar as informações nos mais remotos pontos para conseguir alcançar a maioria. Sobretudo produzir conteúdo de qualidade a partir de coberturas jornalísticas na Região Amazônia Legal.

⁵³ Segundo levantamentos, a maioria das redes de comunicação no Brasil, tanto de rádio quanto de TV, tem suas bases nas regiões Sul e Sudeste (AVRELLA; ALEXANDRE, 2014).

⁵⁴ Relação das rádios associadas à RNA de acordo com os estados: no Pará (Conceição, de Abaetetuba; Nazaré FM, de Belém; São Francisco FM, de Muaná; São João FM, de Currelino; Magnificat FM, de São Sebastião da Boa Vista; Itaguay FM, de Ponta de Pedras; Fundação Educadora de Comunicação Rádio AM 1.390/FM 106.7, de Bragança; Santana, de Óbidos), no Amazonas (Rio Mar FM, de Manaus; Alvorada AM e FM, de Parintins; Castanho FM, de Careiro Castanho; Educação Rural, de Tefé; Web de Coari, de Coari), no Acre (FM Verdes Florestas), no Amapá (São José FM, de Macapá), em Rondônia (Educadora FM, de Guajará Mirim; Caiari FM, de Porto Velho) em Roraima (FM Monte Roraima, de Boa Vista), no Maranhão (Educativa FM Boa Notícia, de Balsas; Educadora, de São Luís).

A maioria das emissoras que está ligada à RNA é de rádios geridas pela Igreja Católica que, na década de 60, contribuiu para a inauguração de diversas emissoras de rádio na Amazônia para o desenvolvimento das aulas radiofônicas propostas pelo Movimento de Educação de Base (MEB), pautado no método educacional de Paulo Freire.

Nesse contexto, uma emissora que se destaca é a Rádio Rural de Santarém, no estado do Pará, de onde nasceu o projeto da Rede de Notícias da Amazônia. Desde o mês de fevereiro de 2023, a emissora saiu da RNA por incompatibilidades entre a direção da rádio e a gestão da rede após a migração para FM. Mesmo não fazendo mais parte do projeto, a história da emissora é importante nos contextos de criação da RNA.

Inaugurada em 1964, a Rádio Rural de Santarém foi reconhecida na região do Baixo Amazonas paraense como a “Rádio Educadora” pelo reconhecimento dos serviços desenvolvidos em processos de alfabetização de jovens e adultos através do MEB, promovendo uma série de ações ligadas à comunicação popular, organização social e com a criação do radiojornalismo na região. Outro projeto que também se destacou na emissora foi o Rádio pela Educação, em parceria com escolas municipais de Santarém e de outros municípios próximos, envolvendo crianças do ensino fundamental (RODRIGUES, 2012).

Ao buscar a história da RNA emerge a figura de seu idealizador, Edilberto Sena, padre do interior da Amazônia, sediado na Arquidiocese de Santarém há mais de 50 anos, forjado nas vivências dos movimentos de educação e comunicação popular embalados pelas teorias freireanas e pela teologia da libertação, a partir dos anos de 1970. A rede começou a ser discutida entre os anos 2003 e 2004, mas só foi criada, oficialmente, a partir de julho de 2007. Nesse período, padre Edilberto era o diretor da Rádio Rural de Santarém que se tornou a cabeça da rede. Na própria emissora funcionava a sede da RNA em uma sala equipada para o trabalho de uma equipe central da rede, responsável por receber as informações produzidas pelas emissoras sócias e editar o radiojornal. Atualmente, a sede da RNA funciona em um imóvel próprio, com

dinâmica semelhante na produção.

Sobre as motivações para a criação da rede de rádios, Edilberto Sena destaca a necessidade de se produzir “notícias da Amazônia, geradas na Amazônia”:

Eu já sabia que existia a rede Globo, a rede Bandeirante, essas redes de emissoras que tudo é centralizado no Sul [Sudeste]. Aí eu percebia que seria importante que as emissoras da Amazônia pudessem comunicar as suas notícias, as suas informações, intercambiar aqui para que os povos da Amazônia passassem a ouvir notícias da Amazônia, geradas na Amazônia e não geradas fora da Amazônia. Essa foi, digamos assim, a ideia base de tentar construir a rede (SENA, 2022, s/p).

Na perspectiva da motivação para a rede, o idealizador ainda destaca a necessidade de se evidenciar o protagonismo dos “lutadores populares” diante das realidades amazônicas, principalmente, nos aspectos socioambientais:

Nós fomos motivados a tentar oferecer oportunidade de a Amazônia falar para a Amazônia [...] Era importante nós juntarmos, formamos uma cadeia, uma rede, a partir da base, a Amazônia pudesse falar para a Amazônia. De tal forma que Roraima ouça o que tá acontecendo no Acre, o Acre ouça o que está acontecendo em Santarém, Santarém ouça o que está acontecendo em Belém, etc. Desta forma a gente vai dar importância aos lutadores populares que têm seu enfrentamento diante das questões da Amazônia. As questões de direitos humanos, de defesa do meio ambiente, valores culturais da nossa região (SENA, 2013, s/p).

A partir da ideia inicial, padre Edilberto Sena começou a manter contatos com os diretores de emissoras nos estados do Pará, Amazonas e Roraima. Segundo ele, a opção pelas rádios ligadas à igreja católica se deu “por achar que era mais fácil dialogar e negociar as coisas porque as emissoras, em geral, estão nas mãos de políticos, ou na mão de igrejas evangélicas que têm outro caminho de vida” (SENA, 2022, s/p), porém, segundo ele, a proposta não era e permanece não sendo de se ter uma rede católica de rádios na Amazônia.

No processo de construção, todos os bispos responsáveis pelas emissoras sócias foram visitados pelo presidente da RNA, esclarecendo o modelo de rede que estava sendo construído, explicando que não se tratava de rede católica, mas uma rede amazônica. As emissoras ligadas às dioceses e

prelacias foram convidadas por serem mais independentes do poder político e econômico. Diretrizes, missão e objetivos foram pensados a partir de um compromisso com a ética, a cidadania e as culturas, enfatizando a participação dos protagonistas populares da Amazônia. Outras emissoras que desejassem entrar na RNA poderiam ser aceitas desde que aprovadas pela assembleia geral e que respeitassem os compromissos da RNA. Os bispos apoiaram o projeto (SILVA, 2015, p. 73).

Vale destacar alguns aspectos particulares da Igreja Católica na Amazônia que apresenta articulações com práticas sociais voltadas às populações regionais. No ano de 1972, um encontro histórico da Igreja na região resultou em um documento chamado Documento de Santarém⁵⁵. Ainda referenciado como norteador das práticas eclesiais na região, sua principal contribuição está na escolha das diretrizes para a Igreja Católica na Amazônia: encarnação na realidade e evangelização libertadora, destacando a necessidade de uma prática não descolada das realidades vividas na região, "centros urbanos ou rurais, novos núcleos humanos, comunidades indígenas, setores marginalizados, áreas de emergência" (CNBB, 2014, p. 14), e com a observância da vida das pessoas, "Evangelização sem dicotomias, isto é, abrangendo harmonicamente o homem todo e todos os homens, o indivíduo e a sociedade" (Idem, p. 15), aspectos que encontram ecos na prática do idealizador da RNA.

As bases no exercício da comunicação e da educação popular

Como já mencionado, a constituição da Rede de Notícias da Amazônia reflete as experiências de Edilberto Sena, principalmente, com a formação e práticas no âmbito da comunicação e da educação popular e da visão social da

⁵⁵ "Documento de Santarém" porque o encontro foi realizado no município de Santarém, no Pará, reunindo todos os bispos da Amazônia Legal. Esse documento norteou diversas práticas da Igreja na região e continua sendo referenciado nas discussões, inclusive com a reafirmação das suas principais diretrizes, o que ocorreu, em 2022, também em Santarém, em um encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal que reuniu, além dos bispos, outras lideranças religiosas e leigas da região. Mais informações podem ser obtidas no link <https://repam.org.br/?s=documento+de+santar%C3%A9m>.

igreja. Em entrevista para a pesquisa, ele se apresentou com as seguintes palavras:

A gente é produto, em parte, da história, da história da gente e do meio. Eu sou Edilberto Francisco Moura Sena. Sou filho de Belterra [município localizado na região metropolitana de Santarém]. Tô completando 80 anos, uma boa parte desses anos eu fui aprendendo a fazer comunicação, aliás, eu sinto que desde criança eu tenho uma facilidade de me comunicar, de me expressar. Depois eu fui aperfeiçoando essa capacidade através de ousadias, meter a cara, apresentando programas no rádio, depois fiz cursos na Holanda e, assim, eu fui pegando essa parte da comunicação.

A parte da questão social, eu também passei por uma evolução. Eu sou de uma formação, originalmente, tradicional, mas depois passei pelo Concílio Vaticano II, entre 1963-1965, depois passei pelo encontro dos bispos da América Latina em Medellín, 1968. Em 1970, fui ordenado padre e este processo de compreender fé e vida foi esse processo que esses encontros e esses cursos, essas manifestações da igreja me ajudaram a compreender. Ao mesmo tempo, esse contato direto com a sociedade.

Eu fiz um curso de desenvolvimento de comunidade, por exemplo, em Manaus, quando eu tinha 29 anos, padre recém-ordenado, onde eu estava lá dois meses com agrônomos, com professoras, com o povo laico, quer dizer, que não tinha nada de igreja. Então, todas essas coisas foram influenciando pra eu compreender que não tem sentido falar em amizade com Deus sem estar com os olhos voltados para a realidade. Assim que me envolvi na questão social, na questão da comunicação (SENA, 2022, s/p).

A partir do ano de 1977, Sena desenvolveu as primeiras experiências na Rádio Rural de Santarém, onde criou programas chamados "A Bíblia em sua vida hoje", "De jovem para a juventude" e "Notícias da Igreja". Nesse período, foi fazer um curso na Holanda sobre comunicação em rádio popular. Depois, teve experiência em um projeto para a criação de uma escola de comunicação popular para movimentos populares na Amazônia. Ainda passou por Costa Rica e países da África, também com experiências de curso em comunicação popular, inclusive já como ministrante.

Na área da comunicação radiofônica ainda se referencia, como ponto marcante na sua história, a criação da primeira rádio comunitária na região do Baixo Amazonas paraense. Na Vila Curuai, localidade central da região do Lago Grande, área rural do município de Santarém, padre Edilberto idealizou e, junto com a comunidade, criou uma rádio comunitária, considerada a primeira da

região. Inspirado nas experiências vividas no período de formação, ficou ainda mais motivado com a regulamentação da radiodifusão comunitária a partir de 1998. Com apoio financeiro de uma organização religiosa holandesa para compra de equipamentos, a rádio comunitária FM Lago, da Vila Curuai no Lago Grande, foi inaugurada em 10 de janeiro de 1999, mas até hoje não é regulamentada.

Quando eu saí, eu disse: agora vocês se virem aí. A Rádio é de vocês, não é minha. Depois um raio queimou [equipamentos da rádio]. Eles conseguiram recuperar a rádio, só que eles abandonaram a placa solar quando veio a energia [ruídos]. E tá até hoje ilegal. Eu sempre digo é legítima, mas é ilegal. Até hoje não se conseguiu legalizar (SENA, 2022, s/p).

Em 2000, o religioso assumiu a direção da Rádio Rural de Santarém e três anos depois começou a sonhar e a fazer as articulações para a criação da Rede de Notícias da Amazônia. Vale destacar que em sua gestão na Rádio Rural, de 2000 a 2013, padre Edilberto imprimiu uma política editorial na emissora com base na comunicação popular e nos direcionamentos sociais da Igreja, sendo reconhecido por uma posição crítica diante dos grandes projetos exploratórios da região. Suas ideias, entre outros espaços, eram evidenciadas diariamente no Jornal da Manhã, tradicional radiojornal que a emissora produzia. Eram apresentadas em um editorial de, mais ou menos, três minutos, na voz do próprio padre, no qual ele falava de temas variados como: gestões do executivo nas três esferas, poder legislativo, política partidária, corrupção, questões ambientais, entre outros. Ao mesmo tempo, também atuava como assessor e articulador de movimentos sociais no município, principalmente, ligados a causas ambientais. Seus discursos e sua atuação se tornaram motivos para que fosse amado por uns e odiado por outros, inclusive recebendo ameaças (SUZUKI, 2006). Também foi agraciado por organizações em reconhecimento ao seu trabalho pela defesa dos direitos humanos (TAPAJÓS DE FATO, 2022).

Fazendo a relação da trajetória do padre e a constituição da RNA, outro destaque é a participação das rádios comunitárias. Entre as emissoras sócias da rede, há apenas uma rádio comunitária nomeada: Rádio Comunitária Santana, no município paraense de Óbidos. Mas, quando se observa a relação

de emissoras parceiras, das sete relacionadas, cinco são comunitárias. A diferença entre as emissoras sócias e as emissoras parceiras, basicamente, é que as primeiras têm o compromisso de participar das capacitações promovidas pela rede e dos processos de produção das informações, enquanto as demais apenas reproduzem em suas programações os conteúdos produzidos. De acordo com a gestão da rede, não há nenhum impedimento para que as emissoras parceiras se tornem sócias. Só precisam pedir filiação junto à associação de emissoras que rege a RNA, o que pode ocorrer de forma processual na relação.

Mesmo entendendo que somente a nomenclatura "Rádio Comunitária" não credencia uma emissora como promotora da comunicação comunitária ou popular, nesta reflexão, partimos do princípio de que a perspectiva comunitária das emissoras ligadas à RNA apresenta traços de relação com os espaços nas quais estão inseridas, podendo, inclusive, representar, processos de construção de uma comunicação popular.

A comunicação popular é entendida como forma de transformação social a partir de processos educativos gerados pela reflexão e pela tomada de consciência, de acordo com pensadores latino-americanos. Entre os vários estudiosos destaca-se Mário Kaplún (1985, p.7), que, ao referir-se ao fenômeno da comunicação popular e alternativa, afirma tratar-se de "uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista". Ressaltando os aspectos educativos desse tipo de processo de comunicação, o autor (1985, p.17) esclarece que as mensagens são produzidas "para que o povo tome consciência de sua realidade" ou "para suscitar uma reflexão", ou ainda "para gerar uma discussão". Os meios de comunicação, nessa perspectiva, são concebidos, pois, como "instrumentos para uma educação popular, como alimentadores de um processo educativo transformador" (PERUZZO, 2009, p. 48).

Aproximando o entendimento de comunicação popular e comunitária das ideias freireanas sobre educação dialógica e libertadora, Peruzzo (2017, p. 3)

lembra que “o ponto de partida das ideias de Paulo Freire é a situação brasileira caracterizada pela injustiça social e a necessidade de transformação”. Os pressupostos freirianos no âmbito da comunicação libertadora passam pela democratização da cultura, a partir da conscientização de que o povo também produz cultura; pela consciência crítica que brota de processos educativos a partir dos quais as pessoas possam se sentir protagonistas da cultura e da história; pela educação das “massas” para que saiam da “desinformação, manipulação e ignorância” e deixem de “pensar com as cabeças das classes dominantes” (PERUZZO, 2017, p. 5); pelo deixar-se de ser sombra no sentido de que o ser humano, pela educação libertadora, pode se sentir sujeito da sua história (PERUZZO, 2017).

As discussões sobre a comunicação popular passam pelos princípios da educação libertadora de Freire no “ser sujeito” e na “atitude crítica”, considerando que são pontos fundamentais nos contextos dos movimentos sociais que foram criados e existem tendo como horizontes as mudanças sociais. O processo começa na educação a partir da formação de sujeitos, como as experiências desenvolvidas em formações de lideranças populares, levando a práticas de comunicação a partir de espaços próprios das comunidades envolvidas. Um diferencial é a abordagem da comunicação não como transferência de informações, mas como diálogo a partir da coparticipação dos sujeitos, pois “na comunicação não há sujeitos passivos” (FREIRE, 2022, p. 86).

Há sinais da presença dessa perspectiva educativa na prática da RNA a partir dos processos formativos desenvolvidos junto aos produtores de informação e também junto aos diretores das emissoras que, periodicamente, são convidados a participar de oficinas e/ou assembleias que discutem tanto aspectos relacionados a questões técnicas da produção de notícias quanto assuntos voltados para as realidades amazônicas. Na última formação, por exemplo, com a participação de professores da Universidade Federal do Pará e da Universidade Estadual do Amazonas, foram trabalhados temas como ‘Análise

de Conjuntura na Amazônia' e 'Bem Viver e Comunicação na Amazônia'⁵⁶.

Sobre os produtores de notícias, em levantamento corrente da pesquisa, verifica-se um grupo significativo de profissionais formados em jornalismo e outros em formação. Mas também há produtores de informação, em algumas emissoras, que não tem a formação jornalística, mas que são frutos de experiências de comunicação popular.

O desafio de descolonizar a notícia na Amazônia

As construções discursivas sobre a Amazônia, em várias dimensões, apontam as marcas da colonialidade entendida como um aspecto desumano resultante dos processos de colonialismo desenvolvidos pelos impérios ocidentais, entendendo que:

Colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a “descoberta”; e colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 41).

O conceito de “colonialidade do poder”, desenvolvido pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, constitui-se num conceito paradigmático não apenas para compreender realidades regionais que lhe originaram, mas para a compreensão da ordem mundial moderna. Para o autor:

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América. (QUIJANO, 2000, p. 342)

Considerando a chegada ao Novo Mundo, como ficou conhecido o

⁵⁶ O último encontro geral da RNA foi em abril de 2022, sendo um encontro de formação e a Assembleia eletiva da nova diretoria da RNA. Alguns registros podem ser encontrados em: <https://redenoticiasdamazonia.com.br/multimedia/fotos/2022-04-26/assembleia-eletiva-e-formacao-de-comunicadores-da-rna>, <https://www.instagram.com/p/CcyqmADJt8r/> e <https://www.instagram.com/p/CcoRcnZuoH5/>.

continente americano nos tempos da “descoberta”, as diversas formas de escravidão impulsionadas naquele momento foram alguns dos aspectos que fundamentaram a colonialidade. Maldonado-Torres (2018, p. 42) nomeia como catástrofe metafísica o processo que levou a “uma distorção do significado da humanidade”. Segundo ele, “essa catástrofe metafísica está no cerne da transformação da “epistemologia, ontologia e ética”, que é parte da fundação da modernidade/colonialidade e das ciências europeias modernas”. Inaugura-se a distinção subontológica diante dos habitantes das terras “descobertas” que passaram a ser classificados como “abaixo dos seres”.

Essa postura diante das populações do Novo Mundo resultou em uma naturalização do combate e da violência, pois “o mundo moderno está instalado numa guerra permanente contra o povo colonizado, seus costumes e um vasto conjunto de suas criações e seus produtos como alvos mais diretos” (MALDONADO-TORRES, 2018, p.44).

Vânia Costa (2011, p. 234) discorre sobre a relação da colonialidade nas construções discursivas sobre a Amazônia apontando que “o atraso, a apatia, a passividade também são representações que ofertam a região como “órfã”, à espera de cuidado e proteção”. Entre as representações da Amazônia nessa perspectiva da colonialidade, a autora indica a invisibilidade de seus habitantes, a imagem do colonizado como “degenerado” para justificar a “conquista e o controle”; a solidão do povo diante da “imensidão da floresta”; o vazio da floresta, grandeza do cenário e pequenez dos habitantes; a passividade do amazônida; o atraso e solidão imagética, entre outros aspectos. São imagens presentes no discurso midiático hegemônico que aponta um estranhamento diante das realidades da região e de seus povos:

[...] reforça a existência de uma população reduzida em relação ao território e os hábitos “primitivos” dos nativos. Aqui, mais uma vez, encontramos semelhança entre o texto jornalístico e os Contos Amazônicos de Inglês de Sousa (2004, p. 6) ao observar o morador da floresta: “é naturalmente melancólica a gente da beira do rio... isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma num apático recolhimento” (COSTA, 2011, p. 116).

Essas são marcas de uma formação discursiva fundada pelos

colonizadores que, ao longo dos séculos, produz narrativas que imprimem no colonizado a imagem da “insignificância, ou seja, da negação de sentido aos grupos aqui encontrados” (DUTRA, 2009, p. 55). Os habitantes originários foram rotulados como incapazes de cuidar dos recursos nas novas terras encontradas, rotulados “nas narrativas da colonização como habitante[s] de terras paradisíacas e de recursos naturais abundantes, porém indolentes por não se adaptar à produção de bens segundo a lógica do recém-chegado” (DUTRA, 2009, p.65).

Segundo Dutra (2009, p. 65), criaram-se polos que apresentam de um lado a exuberância da natureza e de outro a pequenez humana, “dois polos geradores do campo no interior do qual se fixam as noções estereotipadas que são substância à fabricação de diversificados modos de falas sobre a Amazônia”. São ideias que fundamentam discursos também materializados nas práticas exploratórias da região que valorizam os recursos naturais encontrados nos territórios, mas descartam os seus habitantes. Esses discursos começam nos colonizadores e se perpetuam ao longo da história.

A polaridade entre a grandiosidade da natureza com seus valiosos recursos naturais e o “vazio humano” também está presente nos discursos midiáticos, principalmente nos hegemônicos, que retratam a Amazônia a partir da exuberância das suas florestas e rios em detrimento dos diversos povos que a habitam:

Esses programas tendem a reeditar estereótipos historicamente fabricados, reintroduzidos sob formas sedutoras por meio de falas e imagens que reportam antigas visões, de modo especial aquelas que retratam a Amazônia como um lugar paradisíaco e, contraditoriamente, ao mesmo tempo inóspito, no qual coexistiriam a exuberância física da natureza e a insignificância humana (DUTRA, 2009, p. 67).

Essa insignificância se reproduz num apagamento das vozes dos povos habitantes da região a partir da edição dos discursos midiáticos:

Para a mídia hegemônica não é apenas difícil dizer coisas novas, mas isso lhe é mesmo impossível enquanto dispositivo emissor que se estrutura dentro de uma sociedade histórica e contemporaneamente marcada pela desigualdade, em que a uns é permitido o poder-fazer o discurso, e a outros é concedido o poder-consumir o discurso, quer chamemos a isso de mercado, concorrência,

globalização (DUTRA, 2009, p. 232).

E diante dessa realidade discursiva da mídia, que permeia a sociedade moldando as formas de pensar sobre a região e suas populações, como encontrar caminhos para descolonizar a produção de informações jornalísticas sobre a região Amazônica? Neste ensaio reflexivo, indicamos aspectos que podem dar pistas para esse processo:

Formação dos produtores de notícias

Neste ponto, quando se fala dos produtores de notícias, evidencia-se os jornalistas e comunicadores das emissoras sócias e da equipe central da RNA que atuam diretamente na produção das informações veiculadas no radiojornal da rede. Como a pesquisa está em curso, ainda não foi possível identificar quem são esses produtores de notícias, principalmente os das emissoras nos municípios, e que relações eles desenvolvem em seus lugares de vivências. Por isso, neste ensaio, são apresentados como agentes da produção jornalística da Rede de Notícias da Amazônia.

O jornalista e pesquisador Manuel Dutra considera que o exercício do profissional de jornalismo na região precisa seguir as regras fundamentais do jornalismo em todo o processo:

Fazer jornalismo na Amazônia, a rigor, não difere do fazer jornalístico em qualquer outro lugar - espaço social, cultural ou histórico. O jornalismo contemporâneo possui regras universais no que tange à procura, à investigação e apuração dos fatos e à produção da notícia (DUTRA, 2022, s/p).

Um dos aspectos que Dutra (Idem) pontua na formação do jornalista que atua no espaço amazônico é o conhecimento das realidades locais para que sua produção seja construída com o olhar de quem vive na Amazônia, sem delegar essa função a jornalistas de outros estados e até de outros países. Segundo ele, o profissional "tem necessidade e obrigação de conhecer a região a fim de produzir a notícia a partir de dentro; temos que conhecer esta região tão falada no Brasil e no mundo e ser os primeiros a deter esse conhecimento".

A expansão do "saber ambiental" por parte do jornalismo exige um

profissional que assuma o compromisso de levar em frente esse conhecimento e, para tanto, é necessário que o jornalista tenha capacitação para garantir a “qualidade da informação ambiental” (SILVA, 2015, p. 52), sempre relacionando a natureza às populações que vivem na região.

Em conferência durante o 7º Encontro Regional Norte de História da Mídia – Alcar Norte –, realizado em Belém, no mês de novembro de 2022, falando sobre os “Desafios da Imprensa na Amazônia, ontem e hoje: 200 anos de história”, o jornalista Lúcio Flávio Pinto⁵⁷ enfatizou que a missão dos jornalistas na Amazônia é tornar a região “contemporânea da sua história”, superando as marcas do colonialismo. “Pra mim a marca do colonialismo que é incontestável é que nós não temos as informações sobre o que está acontecendo nos nossos domínios e não temos o poder decisório” (PINTO, 2022, s/p).

Ao mesmo tempo em que ressaltou que a função do jornalista é “ir ver os fatos”, Lúcio Flávio Pinto também lembrou os desafios para isso, principalmente quantos aos elevados custos para a produção de reportagens, o que, muitas vezes, inviabiliza as produções pelos profissionais locais:

E esse ver os fatos custa dinheiro na Amazônia, é caro, é complicado [...]. As matérias de campo são feitas por jornais estrangeiros ou nacionais e nós raramente fazemos isso. Estamos acomodados a sermos jornalistas de gabinete, de balcão [...] A história da Amazônia está acontecendo no interior. Então, eu quero dizer pra vocês que a nossa missão é ajudar a sermos contemporâneos porque no modelo colonial nós não seremos contemporâneos [...] (Idem).

Observa-se a desafiadora realidade de se fazer jornalismo na Amazônia com a sua diversidade, tanto relacionada às dimensões geográficas quanto na formação de suas populações e, principalmente, diante dos diversos conflitos socioambientais que permeiam a região. E exatamente essas são circunstâncias que exigem do profissional jornalista uma formação profunda e permanente na busca de conhecer as variadas versões da Amazônia sem separar natureza de sociedade, mas, ao contrário, estabelecer uma relação

⁵⁷ Link de transmissão do evento: https://www.youtube.com/watch?v=ps7wHS_bnDg.

permanente, considerando que são interligados.

Na continuidade da pesquisa, pretende-se observar quem são esses produtores, que papéis ocupam em seus lugares de vivências sociais e, também, nas decisões editoriais das produções veiculadas no Jornal Amazônia é Notícia. E a partir disso, buscar compreender os limites entre os processos descolonizadores e a decolonialidade na produção de informação.

Construir as notícias a partir da pluralidade de fontes

Em muitas situações, a prática jornalística se tornou uma espécie de porta-voz do oficialismo, das falas de autoridades constituídas ou de pessoas que tenham alguma posição privilegiada de discurso, ignorando, no caso da Amazônia, a coletividade de quem vive na região e vivencia as diversas experiências no chão amazônico.

Uma perspectiva descolonizadora de processos comunicacionais não permite vislumbrar a comunicação de forma unilateral, centrada na posição do emissor, mas a concebe “como una acción esencialmente dialógica, liberadora del individuo y el colectivo, una práctica simbólica productora de sentidos y, por tanto, imbricada con el ejercicio del poder representacional” (TORRICO, 2016, p. 33), com potencial para os processos de democratização.

Não se pode falar das realidades amazônicas somente a partir de dados de satélites, de conhecimentos construídos a partir das instituições de pesquisas, de ambientalistas e, principalmente, de organizações governamentais. É necessário desenvolver um processo que alcance a vida das pessoas, o conhecimento popular, as experiências, os desafios, as necessidades, os sentimentos de quem vive e compartilha da vida existente na Amazônia.

Torrigo (2020, s/p) aponta que “na perspectiva crítica latino-americana, a comunicação é bastante – ou deve ser – humanizadora, dialógica, participativa, assim como um espaço e uma prática da democracia” e que precisa ser observada a partir de “modelos sociais extrarregionais” em processos

decoloniais.

Descolonizar o pensamento a partir do lugar, dos territórios

Observando os conflitos socioambientais nos espaços amazônicos, entende-se que estes passam a configurar disputas sobre os sentidos de desenvolvimento, estabelecendo reivindicações de “outras formas de democracia, ligadas à democracia participativa e direta” (SVAMPA, 2019, p. 46). Também se ligam a disputa de territórios e de territorialidade a partir de narrativas diversas presentes tanto entre movimentos socioambientais, quanto em corporações que podem apresentar interesses divergentes. “A noção de território se converteu em uma espécie de conceito social total, a partir do qual é possível visualizar o posicionamento dos diferentes atores em conflito e, a partir desse posicionamento, analisar as dinâmicas sociais e políticas” (SVAMPA, 2019, p. 55).

Sob a ótica da comunicação, considerando que “a apropriação do território nunca é apenas material, é também simbólica” (SANTOS apud SVAMPA, 2019, p. 55), entende-se que é nesse campo que ocorrem as construções narrativas que podem corroborar a exploração ou que podem se tornar experiências de enfrentamento por parte dos sujeitos ameaçados, diante dos conflitos socioambientais.

E, é nesse cenário que a comunicação se apresenta como resistência, sendo aliada de movimentos sociais e organizações comunitárias para o enfrentamento de situações conflituosas que envolvem a região amazônica e seus povos. Observa-se que a comunicação é um dos recursos utilizados para o enfrentamento dos problemas socioambientais que atingem a região, e, segundo Steinbrenner et al (2021, p. 161), é “elemento indisociable de las acciones de resistencia de los grupos sociales”. Há grupos sociais mobilizados que buscam na comunicação uma perspectiva de articulação cidadã como forma de resistência.

A comunicação se apresenta como dimensão estruturante nas diversas

formas de luta de movimentos sociais e organizações populares que buscam o enfrentamento das realidades exploratórias nos territórios amazônicos. Experiências podem ser analisadas como o uso da comunicação com “una perspectiva contra hegemónica, como una possibilidade de transformación social e insurgência” (STEINBRENNER et al, 2021, p.167), principalmente, na perspectiva da comunicação popular ou alternativa em processos de construção de cidadania.

A cidadania comunicativa a partir de um processo de descolonização

A comunicação se torna importante no processo de questionamento das colonialidades, processo que “passa, portanto, por mudar os lugares de enunciação e ampliar o alcance de determinadas vozes subalternizadas historicamente, em todos os âmbitos” (OLIVEIRA, 2021, p. 233). Com relação aos meios de comunicação, a mudança de paradigma deve começar pela formação dos comunicadores, tanto na academia quanto nas atividades profissionais, inclusive em experiências de educação e comunicação popular a partir da mídia alternativa.

Também é necessária a “democratização da mídia e desmercantilização da informação, combatendo o monopólio midiático” (OLIVEIRA, 2021, p. 235), ou seja, tirar a centralidade da mídia hegemônica que reproduz as produções discursivas sobre a Amazônia no âmbito da colonialidade.

O processo de descolonização da comunicação passa, primeiramente, por “uma epistemologia decolonial revolucionária, que questiona o conhecimento universal sobre o saber” (ALCOFF, 2016, apud OLIVEIRA, 2021, p. 236). Para tanto, são defendidos novos referenciais intelectuais que partam dos conhecimentos indígenas e afro-brasileiros, valorizando, principalmente, “os conhecimentos de mulheres indígenas, mulheres negras, homens indígenas, homens negros, vozes que sempre se expressaram, mas que historicamente foram e continuam sendo subalternizados” (OLIVEIRA, 2021, p. 237).

O processo para a constituição de uma comunicação decolonial passa

pelo movimento epistemológico de desconstrução do conhecimento, mas também exige “ação política para contemplar grupos, sujeitos e práticas silenciadas por uma questão de poder” (AMARAL, 2021, p. 484). O autor acrescenta que “para descolonizar a comunicação, é necessária a intenção de desenvolver linhas de pensamentos críticos que comportem questionamentos das relações e dos saberes a ponto de promoverem a descentralidade do conhecimento” (Idem).

O conceito de comunicação em Freire apresenta como dimensões básicas a relação social e a política. A primeira é pautada na ideia de coparticipação dos sujeitos no processo comunicativo, no pensar compartilhado, na configuração de uma comunicação que é diálogo e reciprocidade. A dimensão política brota da práxis, da reflexão seguida de ação. “Para Freire, a dimensão política da comunicação/diálogo – a transformação do mundo ao se lhe dar nome, pronunciá-lo – é inerente à própria natureza humana” (LIMA, 2021, p. 83). E essa dimensão política reflete na perspectiva dialética das transformações sociais diante das realidades dos sujeitos, como proposta de uma comunicação libertadora.

Esse movimento dialético estimulado por uma comunicação/educação libertadora leva a exercícios de cidadania em processos que envolvem as pessoas como sujeitos de transformação social. Segundo Peruzzo, isso se dá nos exercícios de comunicação popular voltada para aos interesses sociais:

As pessoas, ao participarem de uma práxis cotidiana voltada para os interesses e necessidades dos próprios grupos a que pertencem ou ao participarem de organizações e movimentos comprometidos com interesses sociais mais amplos, acabam inseridas num processo de educação informal que contribui para a elaboração-reelaboração das culturas populares e formação para a cidadania (PERUZZO, 1999, p. 206).

Dialogando cidadania e comunicação, no âmbito de uma cidadania comunicativa, Costa Filho (2021, p. 134-135) parte do entendimento de que esta funciona como “a consciência, a formalização e o exercício do direito à comunicação”. E, segundo o autor, esse direito vai da liberdade de expressão da informação plural ao reconhecimento de que os receptores e usuários da mídia

devem ser vistos como sujeitos nos processos de comunicação. Para ele, "Como requisito fundamental do direito à comunicação, a participação possui múltiplos significados que exigem pensar seus inevitáveis aspectos políticos, sociológicos, éticos e psicológicos (COSTA FILHO, 2021, p. 139).

Na abordagem de Maria Cristina Mata (2006, p. 14), a cidadania comunicativa ideal poderia ser "aquella que, desde postulaciones teórico-políticas y de expectativas de transformación social, se plantea como utopía a meta alcanzable em vinculación com los processos de democratización de las sociedades".

Algumas considerações

Observando a Rede de Notícias da Amazônia, a partir das reflexões postas, entende-se que há indicativos de um processo descolonizador na produção de notícias, especialmente pela preocupação que se tem com a formação dos produtores de informação, em especial, sobre temáticas relacionadas aos desafios na região.

No âmbito da perspectiva de uma descolonização do pensamento a partir do lugar, ainda que comunicação propriamente decolonial pela autonomia se evidencia, novamente, as motivações do idealizador da RNA, apresentando a preocupação em criar um projeto que pudesse produzir "notícias da Amazônia, geradas na Amazônia", e não só do lugar, mas também com agentes locais para "dar importância aos lutadores populares que têm seu enfrentamento diante das questões da Amazônia".

Observa-se ainda que a pesquisa em curso está levantando outras informações sobre o processo comunicacional da RNA para aprofundar as reflexões sobre o sentido de Amazônia que se apresenta a partir dos produtores de notícias. Entre outros pontos, busca-se observar as principais temáticas das pautas do noticiário da rede, além de fontes e as interações com os lutadores sociais, buscando entender como estes estão inseridos no processo.

Entende-se esses pontos como aspectos relevantes em um projeto de

comunicação criado e desenvolvido no espaço amazônico que nasce de experiências com a comunicação popular, privilegia processos de formação e gera exercícios de uma cidadania comunicativa.

Considerando que a pesquisa está em curso, observando e refletindo sobre um processo que traz elementos de descolonização da comunicação, mas que ainda tem um longo percurso pela frente, deixa-se claro que não há todos os elementos para análise e que as reflexões estão em processo de amadurecimento. No momento atual, pode-se dizer que uma comunicação em si, *stricto sensu*, decolonial, com protagonismo e autonomia dos sujeitos, ainda parece ser algo no horizonte.

Bibliografia

AVRELLA, Bárbara; ALEXANDRE, Tássia Becker. **A trajetória histórica das redes de rádio no Brasil**. Trabalho apresentado no GT de Mídia Sonora integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014. Disponível em <https://bit.ly/3TvZeLt>. Acesso em: 15 jul 2022.

CASTRO, Edna. Políticas de Estado e Atores Sociais na Amazônia Contemporânea. In: Eilli Bolle, Edna Castro e Marcel Vejmelka (orgs). **Amazônia: Região Universal e Teatro do Mundo**. São Paulo: Globo, 2010.

CASTRO, Fábio F. **As Identificações Amazônicas**. Belém: NAEA/UFGA, 2020.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário. **Relatório Violência contra os povos indígenas no Brasil** (2021). Disponível em <https://bit.ly/3LBujLV>. Acesso em: 18 jul. 2022.

COSTA FILHO, Ismar. Cidadania comunicativa: a participação social no direito à comunicação. In: **Comunicação para a cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva**. Denise da Silva et al (Orgs). São Paulo: Intercom, 2021 – pp. 133-158.

COSTA, Luciana M.. **Discurso e Conflito: dez anos de disputa pela terra em Eldorado do Carajás**. 1. ed. Belém - PA: UFGA/NAEA, 1999.

COSTA, Vânia. **À sombra da floresta: Os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo**. Tese. UFF, Niteroi. 2011. Disponível em <https://bit.ly/3uo1EBE>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Desafio Missionário: Documentos da Igreja na Amazônia – Coletânea**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

DUTRA, Manuel. **A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.

DUTRA, Manuel. [A Amazônia como campo de trabalho jornalístico](#). In: Manuel Dutra –

Jornalismo, Ciência, Ambiente. Junho/2022. Disponível em <http://blogmanueldutra.blogspot.com/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Comunicação ou extensão?** 25ed. Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

ISA – Instituto Socioambiental. **Nota Técnica - Desmatamento sem controle na Amazônia Legal:** A estimativa da taxa de desmatamento Prodes em 2021 e o impacto nas áreas protegidas. Disponível em <https://bit.ly/3uUfITk> . Acesso em: 07 fev. 2022.

LIMA, Venício A. **Paulo Freire:** a prática da liberdade, para além da alfabetização. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. Disponível em <https://bit.ly/3n6K3MQ> . Acesso em: 10 jan. 2023.

LOUREIRO, Violeta. **Amazônia Colônia do Brasil.** Manaus: Editora Valer, 2022.

MALDONADO-TORRES, N..Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado- Torres, Ramón Grosfoguel (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p.31 -61.

MAPBIOMAS. **Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2020** (2021a). Disponível em <https://bit.ly/3yRBrMC> . Acesso em: 20 fev. 2022.

MAPBIOMAS. **Mapeamento da superfície de mineração industrial e garimpo no Brasil.** (2021b). Coleção 6. Disponível em https://mapbiomas-br-site.s3.amazonaws.com/Fact_Sheet_1.pdf . Acesso em: 02 dez. 2022.

MAPBIOMAS. **Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2021 (2022).** Disponível em https://s3.amazonaws.com/alerta.mapbiomas.org/rad2021/RAD2021_Completo_FIN_AL_Rev1.pdf . Acesso em: 18 jul.2022.

MATA, M. Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de sua articulación. **Revista Fronteiras-Estudos Midiáticos.** Vol.VIII. n.1. Unisinos, 2006.

OLIVEIRA, Ohana Boy. **Contribuições para descolonização do pensamento na comunicação.** Cambiassu, v.16, n.27 – jan/jun 2021. Disponível em <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/16577> . Acesso em: 16 set. 2022.

PERUZZO, Cicília. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania.** Revista Comunicação & Informação. V. 2. N.2 (1999). Disponível em <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22855> . Acesso em: 01 fev. 2023.

PERUZZO, Cicília. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária e as reelaborações do setor.** ECO-Pós, v. 12 n. 2, p. 46-61, 2009. Disponível em <file:///C:/Users/PC/Downloads/nicholasandueza,+Peruzzo.pdf> . Acesso em: 30 jan. 2023.

PERUZZO, Cicília. Ideias de Paulo Freire aplicadas à comunicação popular e comunitária. **Revista Famecos,** v. 24 n. 1, 2017. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24207> . Acesso em: 30 jan. 2023.

PINTO, Lúcio F. Desafios da Imprensa na Amazônia, ontem e hoje: 200 anos de história.

Conferência feita no 7º Alcar Norte – Encontro Regional Norte de História da Mídia (2022). UFPA: Belém. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ps7wHS_bnDg. Acesso em: 15 jan.2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (coord.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 117-142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

RNA - REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA. **Site** – Editorial e Programação. Disponível em <https://bit.ly/3FCIEUq>. Acesso em: 19 mar. 2023.

RODRIGUES, Rosa Luciana Pereira. **Rádio e educação popular na Amazônia: o processo comunicacional do Projeto Rádio pela Educação**. 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação. Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia. Disponível em <http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5496>. Acesso em: 19 agost. 2022.

SANTOS. Joelma V. **Manual de Produção da Rede de Notícias da Amazônia**. 1ª ed. Santarém: ICBS, 2020.

SENA, Edilberto. **Rede de Notícias da Amazônia** - com Pe. Edilberto Sena- presidente da RNA. Vídeo no YouTube da Rede Católica de Rádio. 2013. Disponível em [\(1477\) Rede de Notícias da Amazônia -- com Pe. Edilberto Sena, presidente da RNA. - YouTube](#). Acesso em: 29 nov. 2022.

SENA, Edilberto. **Entrevista cedida à Rosa Luciana Pereira Rodrigues**. Santarém, Outubro de 2022.

SILVA, Antônia C. **Jornalismo ambiental na Rede de Notícias da Amazônia: estudo da cobertura jornalística sobre a hidrelétrica de Belo Monte (2008-2013)**. Tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação Nível Doutorado. Unisinos: São Leopoldo, 2015. Disponível em <https://bit.ly/3JxYpgC>. Acesso em: 01 nov. 2020.

STEINBRENNER, Rosane A.; ESTEVES, Lorena C.; PEREIRA DOS SANTOS, E.; CORREA, P.V. (2021). **Comunicación y resistencia frente a conflictos socioambientales en la Amazonia paraense, Sphera Publica**, 1(21), 159-184. Disponível em <http://sphera.ucam.edu/index.php/sphera-01/article/view/424> Acesso em: 20 dez. 2021.

STEINBRENNER, Rosane. MARACÁ - EMERGÊNCIA INDÍGENA: um acontecimento-levante midiático decolonial. In: LAGE, Leandro Rodrigues (Org.). **Imagens da resistência: dimensões estéticas e políticas**. Salvador: EDUFBA, 2021, v. 1, p. 159-200. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34654>. Acesso em: 9 mar. 2023.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do Período Pré-Colombiano aos Desafios do Século XXI**. 1.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2019.

SUZUKI, Natalia. Ambientalistas são ameaçados de morte no Pará. In: Site Repórter Brasil. Disponível em [Ambientalistas são ameaçados de morte no Pará \(reporterbrasil.org.br\)](http://reporterbrasil.org.br). Acesso em: 19 mar.2003.

SVAMPA, Maristella. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina**. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

TAPAJÓS DE FATO. **Edilberto Sena, padre e liderança do movimento social, no Tapajós recebe Diploma pelo relevante trabalho na defesa dos Direitos Humanos na região amazônica**. Disponível em <https://bit.ly/3yUEjrS> . Acesso em: 19 mar. 2023.

TORRICO, Erick. La comunicaci3n en clave latino-americana. In: **Revista Latinoamericana de Comunicaci3n – Chasqui 132**. Agosto-Novembro 2016. Disponível em <https://bit.ly/3ZZT0WK> . Acesso em: 15 jul. 2022.

TORRICO, Erick. **Para uma comunica3o ex-c3ntrica**. Revista Matrizes. V.13, n.3. São Paulo: 2019 – p. 89-107. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159957/158525> . Acesso em: 26 jan. 2023.

TORRICO, Erick; RODRIGUES, Alison. **Decoloniza3o comunicacional: entrevista com Erick Torrico**. Entrevista feita por Alison Rodrigues com Erick Torrico Villanueva (2020). Disponível em [Decoloniza3o Comunicacional: entrevista com Erick Torrico | Medium](https://medium.com/@alisonrodrigues/decoloniza3o-comunicacional-entrevista-com-erick-torrico-158525). Acesso em: 15 agost. 2022.